



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Semana traz dados de inflação ano Brasil. No cenário internacional, as atenções se voltam para o início do novo mandato de Donald Trump nos EUA

Em semana com a agenda de indicadores pouco movimentada, destaque para o resultado de janeiro da prévia da inflação (IPCA-15), que deve iniciar o ano com leve deflação, decorrente de questões pontuais. O índice será divulgado pelo IBGE na sexta-feira (24) e deve mostrar queda de 0,03% no mês, ante alta de 0,34% no mês anterior. Boa parte desse resultado é explicado pelo “Bônus de Itaipu”, que deve somar R\$ 1,3 bi, reduzindo o preço das tarifas de energia elétrica para cerca de 78 milhões de consumidores no mês, exercendo forte impacto negativo sobre o item. Contudo, vale destacar que em fevereiro haverá a devolução integral da queda registrada em janeiro (dado que os preços voltam ao seu nível normal), sendo assim, um evento neutro para o cômputo da inflação a nível anual. Além disso, a queda sazonal dos preços das passagens aéreas também deve contribuir para conter o índice no mês. Por outro lado, a inflação dos alimentos ainda não deve dar sinais de trégua. Com o resultado, o IPCA-15 deve começar o ano perdendo fôlego no acumulado em 12 meses, passando de 4,71% para 4,34%. Porém, o índice deve voltar para a faixa de 5% em fevereiro, com a normalização dos preços das tarifas de energia (fim do “Bônus de Itaipu”) e o aumento das tarifas dos transportes públicos neste início de ano em uma série de capitais.

As contas externas devem continuar apresentando tendência de deterioração em dezembro e fechar 2024 com déficit acumulado de US\$ 59,7 bi. Os números serão divulgados pelo Banco Central na sexta (24) e a expectativa é de que as transações correntes mostrem déficit de US\$ 12,9 bi em dezembro, novamente bem pior do que o observado no mesmo período do ano anterior (US\$ -5,6 bi). Com isso, o déficit externo acumulado em 12 meses deve manter a trajetória de alta e fechar o ano em 2,7% do PIB, ante um déficit de 0,9% do PIB em 2023. Tal piora reflete especialmente o menor saldo comercial, diante do intenso aumento das importações (demanda interna aquecida). De toda forma, o déficit externo ainda tem sido coberto pela entrada de investimento direto no país (IDP), que deve fechar o ano em 3,0% do PIB, porém com uma folga menor, o que ajuda a explicar a maior volatilidade do câmbio.

Na agenda internacional, destaque para a posse de Donald Trump como o 47º presidente dos EUA, no evento conhecido como *Inauguration Day*, que ocorre hoje (20) em Washington DC e reunirá diversos líderes mundiais. Os agentes estarão bastante atentos aos primeiros dias de sua administração que podem dar uma indicação mais clara de como será na prática sua abordagem em relação a uma série de temas relevantes, como sua política comercial, fiscal, imigratória e em âmbito geopolítico. As atenções devem se voltar para a possibilidade de imposição de novas tarifas no comércio com a China, mas também de outros países relevantes. Além deste, do ponto de vista fiscal, há a promessa de novos cortes de impostos corporativos e maior financiamento a setores como energia e defesa nacional. Em meio a tal cenário, o mercado irá tentar entender qual o impacto de suas políticas sobre a inflação e conseqüentemente na condução da política monetária pelo Fed.

Ainda no âmbito geopolítico, acontecerá durante a semana o Fórum Econômico Mundial, realizado anualmente na cidade de Davos, na Suíça. O encontro reúne líderes globais, incluindo chefes de estado, CEOs e representantes da sociedade civil, para discutir e propor soluções para os desafios da economia global. O tema da edição de 2025 será “Colaboração para a Era Inteligente”, e deve abordar questões como conflitos geopolíticos, transição energética e os impactos das mudanças tecnológicas.

Com relação aos indicadores econômicos, a agenda internacional está enxuta e traz as primeiras prévias do ano dos índices PMIs dos EUA e da Europa. Na sexta (24), será divulgada a leitura preliminar dos indicadores PMIs da manufatura e do setor de serviços para o mês de janeiro. O dado trará as primeiras pistas de como a atividade começou o ano em ambas as economias. A tendência é que os indicadores sigam mostrando a economia dos EUA bem mais aquecida do que a europeia, porém, ambas com alguma divergência a nível setorial, com os serviços se mantendo resilientes, enquanto a indústria apresenta maior fragilidade.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
23/jan	Reunião do CMN	-	-	-
24/jan	IBGE: IPCA-15	Jan/25	-0,03% m/m 4,34% a/a	0,34% m/m 4,71% a/a
24/jan	BCB: Estatísticas do Setor Externo	Dez/24	US\$ -12,9 bi	US\$ -3,1 bi
Sem data	RFB: Arrecadação Federal de Impostos	Dez/24	6,6% a/a	11,2% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
20/jan	EUA	Cerimônia de Posse de Donald Trump	-	-	-
20-24/jan	-	Fórum Econômico Mundial de Davos	2025	-	-
23/jan	Zona do Euro	Confiança do consumidor	Jan/25 – prévia	-14,1 pts	-14,5 pts
24/jan	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Jan/25 – prévia	45,4 pts / 51,5 pts	45,1 pts / 51,6 pts
24/jan	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Jan/25 – prévia	49,9 pts / 56,5 pts	49,4 pts / 56,8 pts
24/jan	EUA	Vendas de casas existentes	Dez/24	1,2% m/m	4,8% m/m
24/jan	EUA	Confiança do consumidor (Univ. Michigan)	Jan/24 – final	73,2 pts	74,0 pts

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Atividade enfraquece em novembro e dá sinais de desaceleração no final de 2024

Os indicadores de atividade trouxeram dados mais fracos no mês de novembro, sugerindo alguma desaceleração da economia no final de 2024, embora ainda seja necessário mais informações para confirmar tal percepção. As *proxies* do PIB até mostraram pequena alta no mês, mas os grandes setores amargaram queda generalizada em novembro. Os resultados indicam um crescimento mais modesto do PIB no 4T24, mas não alteram o fato que a economia cresceu cerca de 3,5% em 2024.

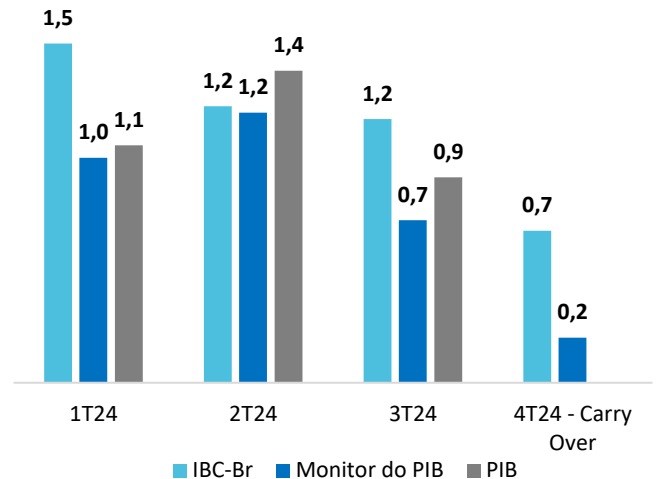
O Índice IBC-Br de Atividade Econômica do Banco Central permaneceu praticamente estável em novembro, subindo 0,1%. O resultado veio acima do esperado (-0,1%), mas apenas devolveu a queda de outubro (-0,1%). Com isso, o carregamento estatístico para o 4º trimestre ficou em 0,7%, arrefecendo ante a alta de 1,2% do 3T24. No acumulado do ano, o índice aponta crescimento de 3,8%.

O Monitor do PIB, calculado pela FGV, subiu 0,6% em novembro. Segundo a Fundação, o crescimento foi puxado pela agricultura e a indústria, na ótica da oferta, e pelos investimentos (FBCF) e exportações na ótica da demanda, ambos mostrando recuperação após números mais fracos em outubro. Assim, o indicador seguiu apontando crescimento da economia, embora com sinalizações de esgotamento em alguns segmentos, como no setor de serviços e no consumo das famílias.

Quanto aos indicadores setoriais, o setor de serviços surpreendeu negativamente ao recuar 0,9% em novembro, pior do que o esperado (-0,4%). O resultado mais fraco se somou à decepção com os números do varejo e da indústria no mês. O recuo no mês ficou concentrado nos serviços de transportes (-2,7%) e profissionais (-2,6%). Por outro lado, houve alta dos serviços prestados às famílias (+1,7%), de informação e comunicação (+1,0%) e da categoria “outros serviços” (+1,8%).

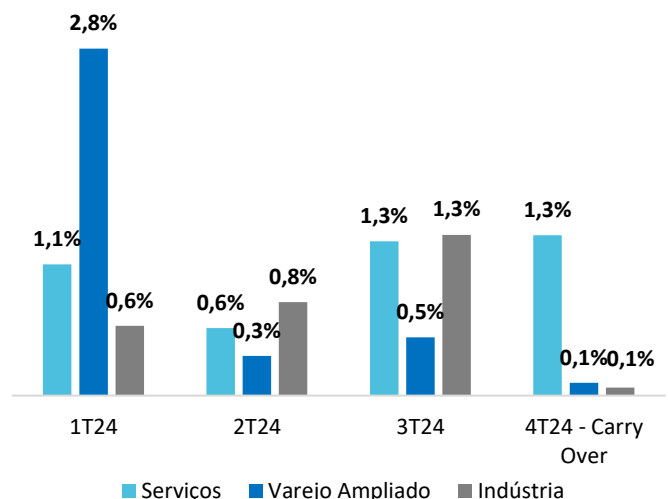
A queda de novembro, no entanto, veio após duas altas seguidas e após o setor atingir o maior patamar da série histórica em outubro. Ou seja, refletindo, em boa parte, uma base de comparação elevada. Nesse sentido, o resultado ainda deixa um carregamento de 1,3% para o setor no 4º trimestre, mesmo crescimento observado no trimestre anterior, apontando que se trata, por ora, apenas de uma acomodação. No acumulado do ano, o índice acumula expansão de 3,2%.

Quadro 1: PIB e *Proxies* Mensais – Var. % trimestral e *Carry Over* 4T24



Fonte: BCB e IBGE

Quadro 2: Indicadores Setoriais – Var. % trimestral e *Carry Over* 4T24



Fonte: IBGE

Embora mais fracos, por si só, os números de novembro não são suficientes para confirmar o desaquecimento da economia. No entanto, os indicadores antecedentes para dezembro também vão na mesma direção. Os dados mostram quedas na produção (-4,3%) e na venda de veículos (-7,0%), um menor fluxo de veículos leves (-0,3%) e pesados (-3,3%) nas estradas pedagiadas, e uma redução da expedição de caixas de papel ondulado (-4,9%), todas ante novembro (com ajuste sazonal). Adicionalmente, tanto a confiança empresarial quanto a do consumidor fecharam o ano em queda. Assim, o conjunto de indicadores começa a dar sinais de que a atividade econômica pode ter começado a perder força no último trimestre de 2024, especialmente em segmentos que vinham sustentando o crescimento, como o consumo das famílias.

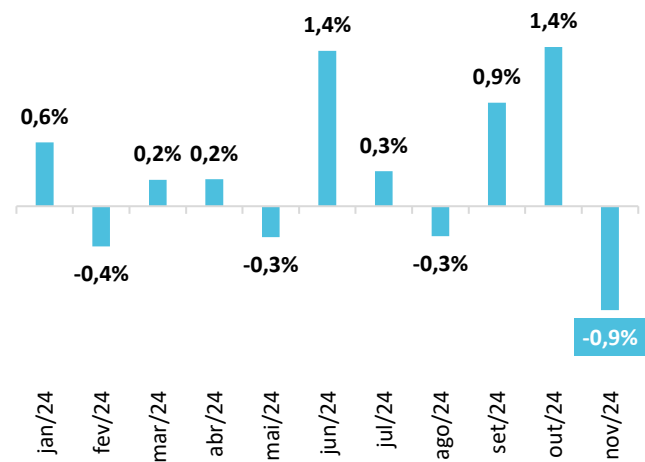
No campo inflacionário, o IGP-10 de janeiro mostrou alguma dissipação das pressões dos preços no atacado. O índice subiu 0,53% no mês, bem abaixo dos 1,14% registrados no mês anterior, refletindo uma devolução parcial das fortes altas dos preços das *commodities* agropecuárias observadas no final de 2024. A inflação ao produtor (IPA) desacelerou de 1,54% em dezembro para 0,57% em janeiro, refletindo a queda dos preços dos produtos agropecuários, que passaram de 2,48% para -0,88%, com destaque para soja em grãos (-5,00%), bovinos (-4,19%) e leite *in natura* (-6,27%). Ainda assim, o IGP-10 seguiu acelerando no acumulado em 12 meses, passando de 6,61% para 6,73%.

Em relação às contas públicas, o Tesouro Nacional divulgou que o governo central registrou déficit primário de R\$ 4,5 bilhões em novembro. Apesar de negativo, o resultado foi bem melhor do que o apresentado em nov/23, quando foi deficitário em R\$ 39,9 bi.

A receita total seguiu com forte crescimento (+8,1%), impulsionada pela arrecadação de impostos da RFB (+12,7%), recebimento de dividendos no valor de R\$ 7,8 bi (oriundos do BNDES e da Petrobras) e por receitas com outorgas de concessões (R\$ 4,7 bi). Já as despesas caíram 6,3% ante nov/23, em termos reais, devido à base de comparação elevada, dada a compensação de R\$ 11,7 bi feita aos Estados e municípios em função da redução do ICMS sobre os combustíveis ainda referente a 2022. Sem este efeito, as despesas teriam ficado estáveis no período.

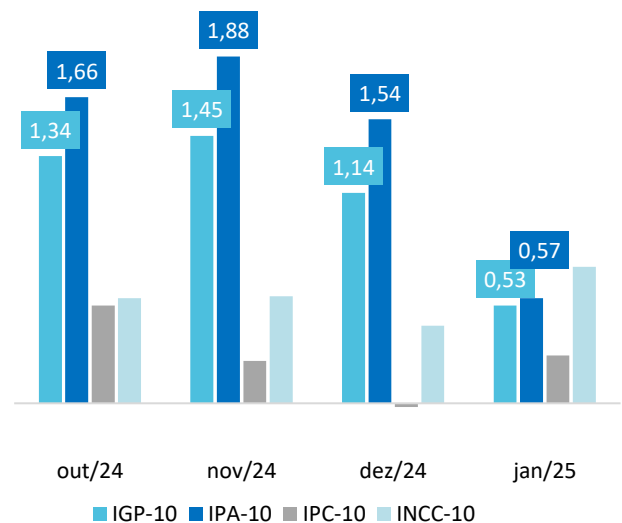
No acumulado do ano, o governo central acumulou déficit primário de R\$ 66,8 bi (0,6% do PIB). Em dezembro, conforme já informado pelo próprio Ministério da Fazenda, o Tesouro registrou leve superávit, beneficiado por novos ingressos de receitas com dividendos, que permitiram ao governo fechar o ano dentro da meta estabelecida pelo arcabouço fiscal.

Quadro 3: Serviços – Var. % mensal



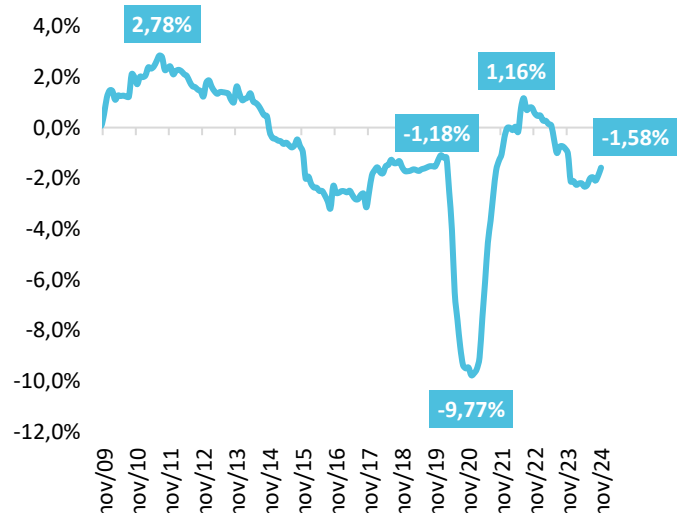
Fonte: IBGE.

Quadro 4: IGP-10 e Aberturas – Var. % mensal



Fonte: FGV

Quadro 5: Resultado Primário do Governo Central – Acum. 12 meses (% do PIB)



Fonte: Tesouro Nacional.

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Inflação nos EUA e alta do PIB chinês melhores do que o esperado impulsionam mercados

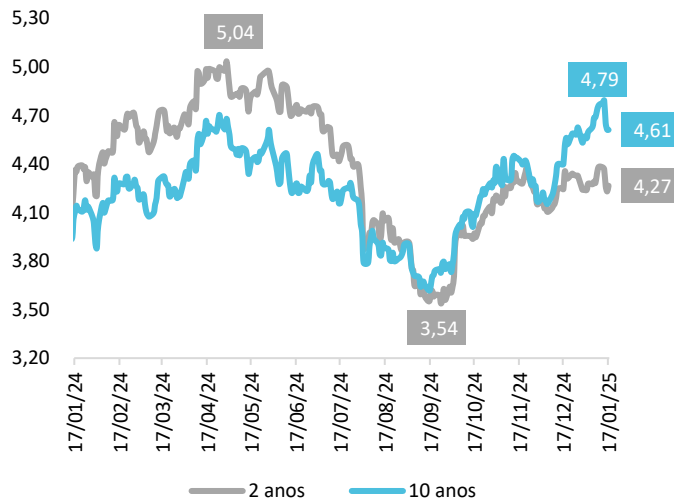
A última semana foi marcada pela queda dos juros futuros nos EUA e recuperação das bolsas na maior parte do mundo, reagindo a dados econômicos positivos, início da safra de balanços do 4T24 (EUA) e redução das tensões no Oriente Médio. O mercado reagiu positivamente ao resultado da inflação ao consumidor (CPI) nos EUA ter vindo abaixo do esperado, gerando algum alívio nos rendimentos das *Treasuries*, que no meio da semana bateu o maior patamar desde outubro de 2023. Outro ponto positivo veio dos resultados dos principais bancos norte-americanos (ver pg. 8), que superaram as expectativas levando a uma alta (em média) de 5% das ações do setor bancário no país na semana. Na China, o PIB do 4T24 surpreendeu os investidores, ajudando também no bom humor do mercado. Já no cenário geopolítico, o acordo de cessar-fogo na faixa de Gaza entre Israel e o Hamas com a negociação mediada por Catar, Egito e EUA, descomprimiu o preço do barril de petróleo e contribuiu também para impulsionar os ativos de risco.

Nos EUA, o CPI subiu 0,4% em dezembro nos EUA, em linha com o esperado e puxado pela alta de 4,4% da gasolina. Assim, o indicador fechou 2024 em 2,9%, acelerando ante nov/24 (+2,7%), mas recuando no comparativo com 2023 (+3,4%). A boa notícia veio do núcleo do indicador, que justamente por desconsiderar itens como energia e alimentos, subiu 0,2% no mês, abaixo das expectativas (+0,3%). Em 12 meses, a métrica desacelerou para 3,2% (ante +3,3% em nov/24 e +3,9% em dez/23). Os preços ao produtor (PPI) também subiram menos que o esperado, acelerando de 3,0% para 3,3% em 12 meses, contra expectativa de atingir 3,5%.

No âmbito da atividade, as vendas no varejo subiram 0,4% em dez/24, pouco abaixo do esperado (+0,6%), mas atingindo a 4ª alta seguida, beneficiado pelas vendas do Natal. Enquanto isso, a produção industrial superou as expectativas e subiu 0,9%, acima do esperado (+0,3%), com performance positiva disseminada entre os segmentos.

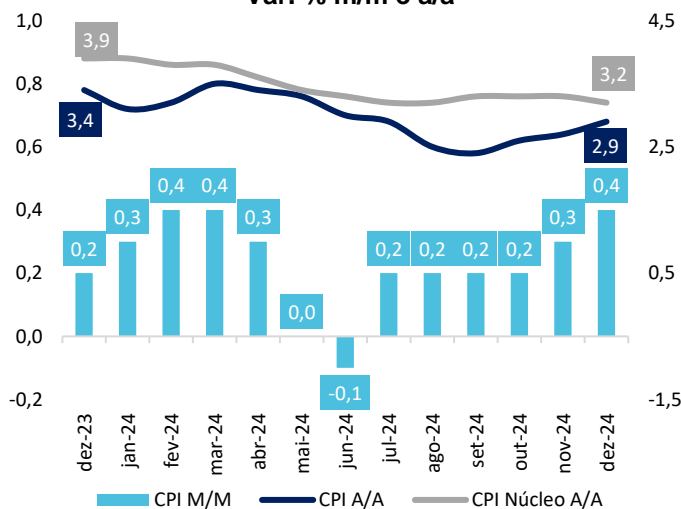
Na China, o PIB cresceu 5,4% no 4T24 ante o mesmo período de 2023, acima das expectativas (+5,0%), levando a um crescimento do PIB de exatamente de 5,0% no ano, atingindo a meta do governo, apesar da demanda interna enfraquecida e dos problemas no setor imobiliário. Os números de dezembro também trouxeram surpresas positivas, com alta na indústria (+6,2%) e no varejo (+3,7%). Para 2025, o consenso do mercado aguarda alguma desaceleração (+4,5%) da atividade no país, diante do provável acirramento da guerra comercial com os EUA.

Quadro 6: EUA – Rendimentos das *Treasuries* 2 e 10 anos – Em % aa



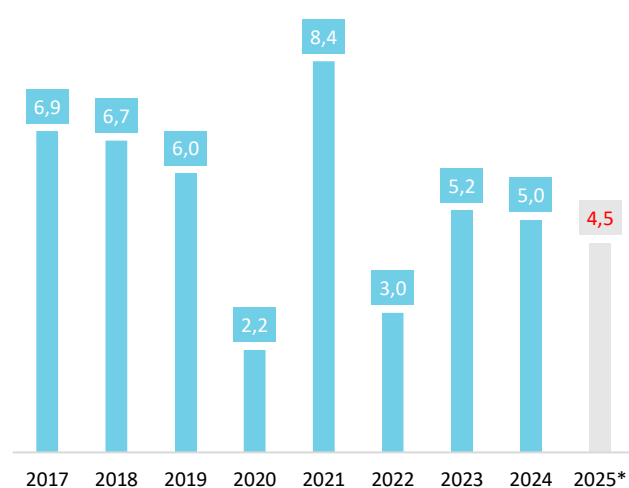
Fonte: Bloomberg.

Quadro 7: EUA – Inflação ao Consumidor (CPI) Var. % m/m e a/a



Fonte: Bloomberg.

Quadro 8: China – PIB Var. % ante o ano anterior



Fonte: Bloomberg. *Projeção Bloomberg.

Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

CRÉDITO / BANCOS

Crédito deve ter fechado 2024 com alta de 10,8%

O saldo total da carteira de crédito deve crescer 1,7% em dezembro, aponta a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. Com o resultado, o saldo total da carteira de crédito deve ter fechado o ano de 2024 com expansão de 10,8%.

No mês, a maior alta deve vir da carteira PJ Livre (+3,1%), impulsionada pelas linhas de fluxo de caixa, beneficiadas pela sazonalidade positiva de fechamento de trimestre e compras de fim de ano. A carteira Livre destinada às famílias (+1,0%) também é impulsionada pelas compras de dezembro, com impacto positivo no cartão à vista, mas contida pelo recebimento de rendas extras no período (13º salário), que reduz o apetite por linhas de crédito pessoal e rotativas.

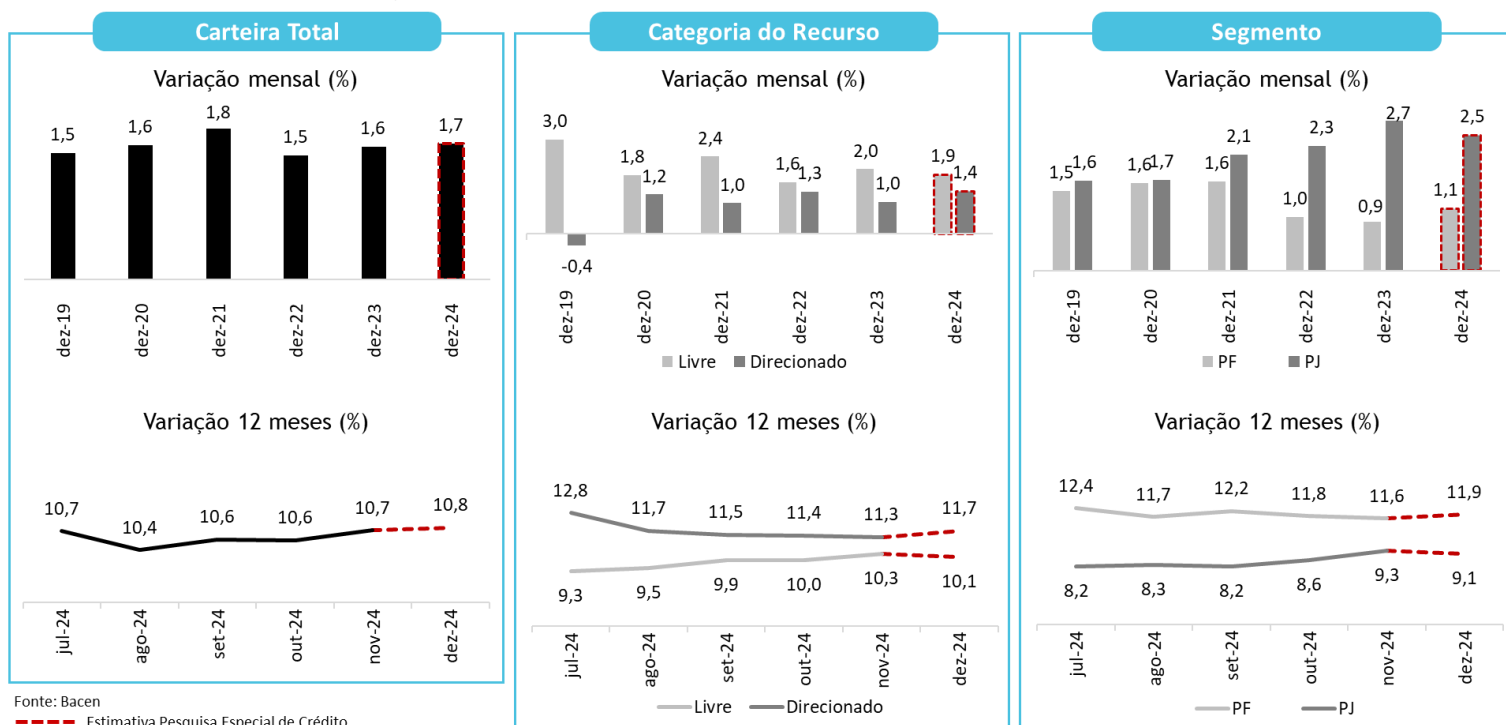
Já as carteiras direcionadas devem apresentar crescimento de 1,5% no segmento PJ e de 1,3% entre as famílias. Para as empresas, a carteira deve seguir impulsionada pelos financiamentos do BNDES e pelos programas públicos, que seguiram com boa tração até o fim do ano. Já o crescimento da

carteira direcionada às famílias deve seguir sustentado pelo bom desempenho do crédito imobiliário.

No ano, o crescimento do crédito será novamente liderado pela carteira destinada às famílias, que deve ter fechado 2024 com expansão de 11,9%, mantendo-se como um importante canal para o consumo, com destaque para linhas de veículos e de crédito pessoal. O crédito às empresas também mostrou um bom crescimento no ano, estimado em 9,1%, impulsionado pelos programas públicos criados ao longo do ano e pela recuperação da carteira com recursos livres, após o estresse enfrentado no ano anterior. O resultado poderia ser ainda maior, se não fosse o expressivo crescimento do mercado de capitais, que tem suprido parte importante da necessidade de liquidez das empresas.

No geral, os números mostram que tivemos o 7º ano seguido de crescimento no estoque de crédito, retomando às altas de dois dígitos verificadas entre 2020 e 2022. Para 2025, por ora, a expectativa é de um crescimento em torno de 9,0%, o que pode ser considerado significativo, sobretudo diante de um cenário econômico mais desafiador, caracterizado por um ambiente de juros em níveis mais elevados.

Quadro 9: Projeções para o Saldo da Carteira de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

Em relação às concessões, a Pesquisa aponta crescimento de 9,5% em dezembro (ou 4,3% quando ajustado por dias úteis) na comparação com novembro; e, de 6,2% ante dezembro de 2023, encerrando 2024 com um volume 14,9% superior ao concedido no ano anterior.

Na comparação com o mesmo mês de 2023, o avanço é puxado pelas concessões destinadas às empresas (+7,0%), com as operações com recursos livres impulsionadas pelas linhas mais relacionadas ao forte desempenho do comércio/consumo no fim de ano (antecipação de recebíveis) e pelas operações de linhas externas, impactadas pela depreciação do câmbio. Já as concessões das operações direcionadas devem se beneficiar da manutenção dos incentivos de programas públicos e financiamentos do BNDES.

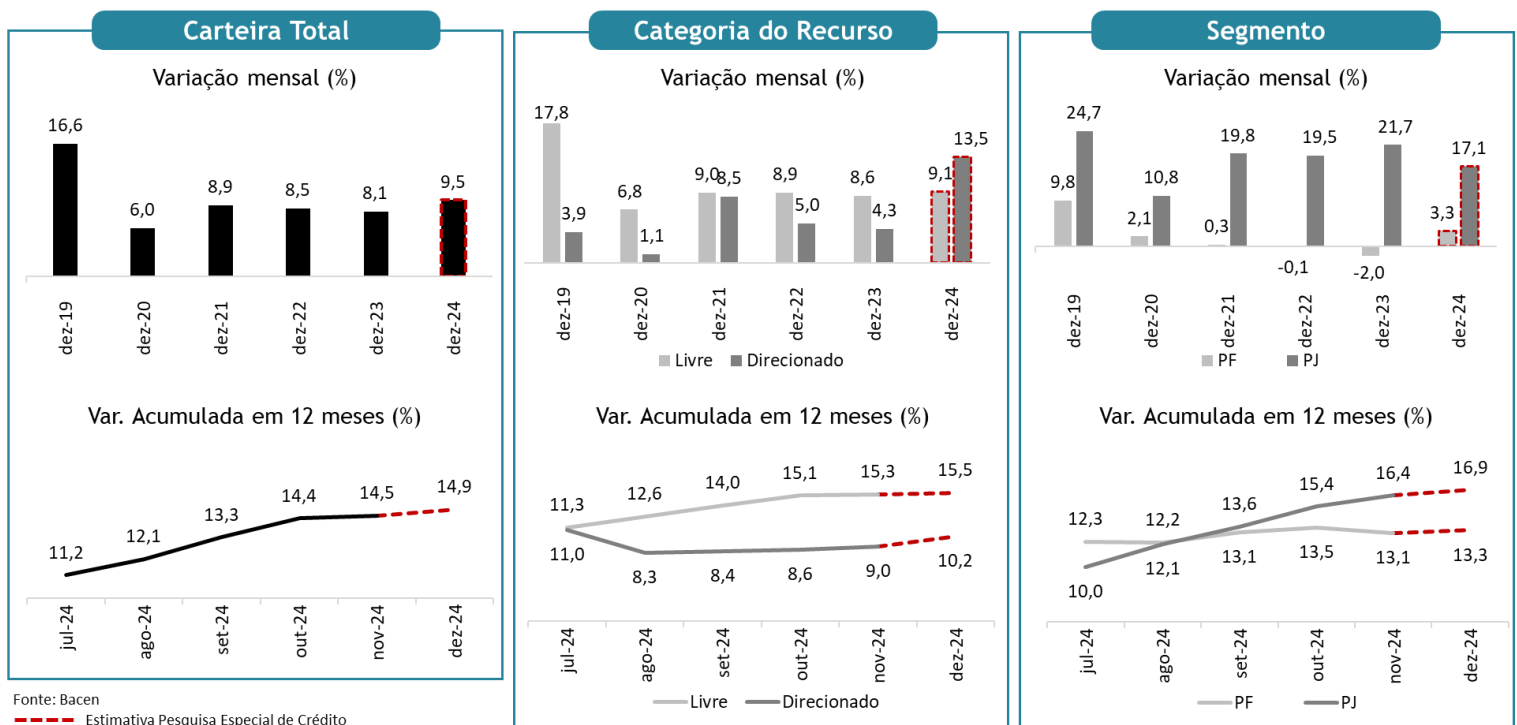
As concessões destinadas às famílias, por sua vez, devem crescer 5,5% no mesmo comparativo, lideradas também pelas linhas mais sensíveis às compras de fim de ano, como o cartão à vista.

O resultado indica que o volume de concessões no acumulado em 12 meses seguiu em trajetória de aceleração no fechamento do ano, liderado especialmente pelas operações com recursos livres, que devem apresentar alta de 15,5% em 2024. As operações com recursos direcionados também devem mostrar um crescimento importante no ano, de 10,2%.

Em resumo, tanto o saldo quanto as concessões de crédito mostraram um expressivo avanço em 2024, tendo sido um vetor importante para a expansão da economia no período.

A divulgação das Estatísticas Monetárias e de Crédito pelo Banco Central está programada para o próximo dia 27 de janeiro. Para ver o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 10: Projeções para as Concessões de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Fonte: Bacen

--- Estimativa Pesquisa Especial de Crédito

Nota Metodológica: As variações são calculadas tendo como base os valores oficiais divulgados pelo Banco Central.

Resultado Financeiro dos Bancos Norte-Americanos – 4º tri/24

CRÉDITO / BANCOS

Os principais bancos dos EUA divulgaram os resultados do 4T24, fechando o ano de 2024 como o 2º ano mais lucrativo para o setor nos últimos anos, atrás apenas do resultado de 2021 (impulsionado na ocasião pela devolução parcial dos massivos gastos com PDD feitos ao longo do ano de 2020, em função da pandemia da Covid-19). O bom desempenho do setor em 2024 foi reflexo da: i) continuidade do ambiente de taxas de juros elevadas, mantendo as margens líquidas com juros em patamar saudável (apesar da pressão crescente do custo de captação); ii) forte dinamismo do mercado de capitais, impulsionando os resultados das unidades dos bancos de investimento e; iii) alta das receitas nas áreas de gestão de patrimônio/tesouraria, diante da alta dos ativos de risco.

Para 2025, as expectativas seguem positivas e tem como pano de fundo a perspectiva de um alívio regulatório, diante das promessas de Donald Trump de facilitar e dinamizar o ambiente de negócios do país. Um ponto de atenção é a alta da inadimplência (especialmente no cartão), que pode ser um problema em um cenário de desaceleração mais acentuada da atividade e do mercado de trabalho.

Quadro 11: Indicadores Financeiros dos Principais Bancos dos EUA no 4º tri/24

Indicadores	JP Morgan	Citi	BofA	Wells Fargo	Goldman Sachs
Lucro Líquido US\$ bi	14,0	2,9	6,4	5,1	4,1
Lucro por Ação Divulgado / Ajustado* (expectativa)	4,81 (4,11)	1,34 (1,22)	0,82 (0,77)	1,43 (1,35)	11,95 (8,22)
ROE anualizado (trimestre)	17,0%	5,4%	9,4%	11,7%	14,6%
Receita US\$ bi	43,7	19,6	25,3	20,4	13,9
Despesas com PDD US\$ bi (- = liberação de PDD)	2,6	2,6	1,5	1,1	0,2
Carteira de Crédito US\$ bi	1.348,0	694,5	1.095,8	912,7	196 mi

JP MORGAN: O maior banco dos EUA registrou lucro líquido de US\$ 14,0 bi (ou US\$ 4,81 por ação) no 4T24, superando as expectativas (US\$ 4,11) e registrando altas de 8,6% no trimestre e de 50,5% ante o mesmo período de 2023. Neste último comparativo, o resultado é distorcido pela contribuição adicional de US\$ 2,9 bi ao FDIC (FGC norte-americano) no 4T23 em função da quebra do Silicon Valley Bank. Contudo, mesmo sem tal efeito, o lucro líquido do banco teria crescido cerca de 15% na comparação anual. O ROE anualizado, por sua vez, foi de 17,0% no trimestre, ante 16,0% no trimestre anterior e de 12% no mesmo trimestre do ano passado.

O bom resultado do trimestre decorreu do forte avanço das receitas, que subiram 9,5% na comparação com o 4T23, atingindo US\$ 43,7 bi, acima das expectativas (US\$ 41,7 bi). A alta foi puxada pelo segmento de banco de investimento (+46%) que contou com maiores remunerações nos serviços prestados, além do avanço (+13,4%) da receita com gestão de patrimônio, que contou com maiores volumes e tarifas, em meio ao início do ciclo de queda dos juros no país. Já o varejo, segmento mais relevante do banco (42%), viu suas receitas subirem apenas 1,5% em um ano. Isso é explicado pela relativamente estabilidade (-0,2%) da receita líquida de juros (*net interest income* – NII), dado que o aumento das despesas com juros (+3,8%) superou a alta das receitas com juros (+0,4%), em função do aumento do rendimento dos depósitos.

As despesas com PDD totalizaram US\$ 2,6 bi, com queda no trimestre (-15,4%) e em 12 meses (-4,7%). No 4T24, a IF reportou US\$ 2,4 em baixas líquidas, puxadas pelo cartão de crédito, que vem apresentando aumento da inadimplência, com os atrasos acima de 30 dias atingindo 2,17% da carteira (ante 2,14% no 4T23 e 1,45% no 4T22). Além disso, o JP informou que construiu reservas para perdas futuras em US\$ 267 mi. Já as despesas operacionais caíram 7,0% em 12 meses, apresentando queda neste comparativo pela 1ª vez desde a aquisição do banco *First Republic* no 2T23. Por fim, a carteira de crédito da IF subiu 1,8% em um ano e atingiu US\$ 1,348 trilhões.

Resultado Financeiro dos Bancos Norte-Americanos – 4º tri/24

CITI: O banco registrou um lucro líquido de US\$ 2,9 bi no 4T24, equivalente a US\$ 1,34 por ação e acima do esperado (US\$ 1,22). O resultado representa uma queda na comparação com o trimestre anterior (-11,8%), mas reverteu o prejuízo (US\$ 1,8 bi) registrado no 4T23, ainda sob os efeitos de sua reestruturação, provisões adicionais nas unidades da Rússia e Argentina e contribuição extraordinária para o FDIC. O ROE ficou em 5,4% em termos anualizados, queda de 0,8 pp no trimestre e seguindo bem abaixo de seus pares. Para 2025, o banco projeta um ROE entre 10% e 11%.

As receitas atingiram US\$ 19,6 bi no trimestre, em linha com o esperado, com alta de 12,3% ante o 4T23. O desempenho positivo foi disseminado entre os segmentos do banco, mas o Citi também destacou o efeito positivo da desvalorização do peso argentino. Dentre os negócios do banco, destaque para a unidade de serviços (+14,6%), que inclui tesouraria e custódia/administração, que se beneficiou do cenário de juros altos e valorização dos ativos financeiros. Já os gastos com PDD recuaram 26,9% em 12 meses, atingindo US\$ 2,6 bi. As despesas operacionais caíram 17,6% no período, refletindo a reestruturação global do banco, que levou as despesas a fecharem no menor nível desde 2022. Por fim, a carteira de crédito ficou praticamente estável (+0,7%) em 12 meses, atingindo US\$ 694,5 bi.

BOFA: registrou lucro líquido de US\$ 6,4 bi no período (US\$ 0,82 por ação), acima do esperado (US\$ 0,77). O resultado representa estabilidade no trimestre (+0,3%), mas mais do que dobrou (+125,5%) ante o 4T23, muito em função da fraca base de comparação, impactada negativamente pelos pagamentos ao FDIC (US\$ 2,1 bi) e a transição de saída do sistema Libor (US\$ 1,6 bi), na ocasião. Sem tais impactos teria ocorrido uma leve queda (-2,1%) do lucro no período. O ROE atingiu 9,4% (anualizado), estável no trimestre.

Diferentemente dos demais pares, o BofA foi o único dos grandes *players* que registrou alta da margem líquida de juros (NII) no comparativo anual (+3,0%), devido à reprecificação dos ativos pós-fixados e elevação do volume dos empréstimos, segundo sua divulgação. Já as receitas da IF atingiram US\$ 25,3 bi, em linha com o esperado, subindo 15,4% em 12 meses, puxada tanto pelo segmento de mercados globais (+18,4%), em função do desempenho positivo do banco de investimento, como pela gestão de patrimônio (+14,8%), devido à valorização dos mercados e elevação do volume sob gestão. Do lado das despesas, a PDD atingiu US\$ 1,5 bi, subindo 31,5% em um ano, puxada pelo aumento da carteira do cartão de crédito, e em menor grau, pela alta da inadimplência do produto. Já a carteira de crédito subiu 4,0% no ano, fechando 2024 em US\$ 1,096 tri.

WELLS FARGO: registrou um lucro líquido de US\$ 5,1 bi no 4º trimestre, estabilidade (-0,7%) ante o trimestre anterior e alta expressiva de 47,4% ante o mesmo período de 2023. O lucro por ação foi de US\$ 1,43, acima do esperado pelos analistas (US\$ 1,35). O resultado corresponde a um ROE anualizado de 11,7% no 4T24, estável no trimestre e com alta de 4,1 pp ante o 4T23.

A receita total atingiu US\$ 20,4 bi, ligeiramente abaixo do esperado (US\$ 20,6 bi) e praticamente estável em 12 meses (-0,5%). O resultado foi puxado para baixo pelo banco de varejo, principal segmento do banco em termos de receita (44%), que caiu 5,7% ante o 4T23, em função da menor receita líquida de juros (NII), com a migração de depósitos para instrumentos mais rentáveis. Do lado positivo, a receita foi puxada pelo segmento de *wealth management* (gestão de patrimônio), que subiu 8,1% no mesmo período, em função dos maiores ganhos com tarifas. A PDD, por sua vez, atingiu US\$ 1,1 bi, caindo 14,6% em um ano e estável no trimestre com a redução das perdas esperadas na maioria das linhas, exceto no cartão de crédito, cujas provisões subiram. Já a carteira de crédito atingiu US\$ 912,7 bi, queda de 2,6% no ano. O banco também divulgou seu *guidance* para 2025, que agradou o mercado, dada a projeção de alta da margem líquida de juros (NII) entre 1% e 3% no ano.

GOLDMAN SACHS: o lucro líquido do banco foi de US\$ 4,1 bi, ou US\$ 11,95 por ação, bastante acima do esperado (US\$ 8,22). O resultado mais do que dobrou o resultado do 4T23 (US\$ 2,0 bi), além de vir bem acima do trimestre anterior (+37,5%). Com isso, o ROE do GS atingiu 14,6% (anualizado), subindo 7,5 pp no ano. O bom desempenho da receita (+22,5%), que chegou a US\$ 13,9 bi, ficando acima do esperado (US\$ 12,4 bi), teve como origem, assim como os demais bancos, o ambiente favorável do mercado de capitais, com o aumento das receitas com subscrição de ações (IPOs) e de dívidas. A receita da operação de banco de investimento subiu 24,4%, enquanto com gestão de patrimônio saltou 18,0%. Por ser uma IF dedicada a este mercado (tendo pouca atuação no crédito ao varejo), a surpresa positiva acabou sendo maior, fato que levou as ações do banco a renovar o maior patamar da história.

Resultado Financeiro dos Bancos Norte-Americanos – 4º tri/24

Em conjunto, os 5 maiores bancos dos EUA registraram um lucro líquido de US\$ 132,5 bi em 2024, o 2º maior dos últimos anos, abaixo apenas do resultado de 2021 (US\$ 145,4 bi), quando houve liberação de PDD após acúmulo de um volume esperado de perdas que não se materializou em 2020.

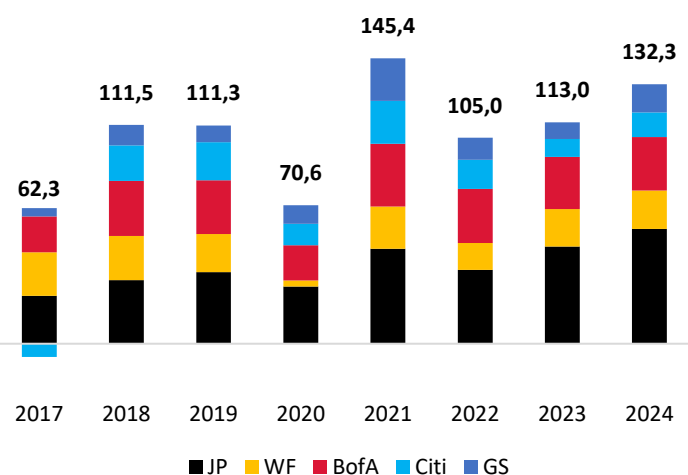
Na comparação com 2023, a alta do lucro conjunto foi de 17,1%, liderado pelo GS (+68,2%) e Citi (+38,0%). No caso do primeiro, beneficiado pelo forte dinamismo do mercado de capitais, elevando a remuneração das unidades de *investment banking*, sua principal atividade. Já o Citi vem em processo de recuperação dos seus resultados, diante da reestruturação de suas operações a nível global. Contudo, o JP (+17,8%) segue se distanciando como o maior *player*, com um lucro de US\$ 58,5 bi, cerca de 44% do agregado. Por outro lado, Wells Fargo (+3,1%) e BofA (+2,3%), mais dependentes do segmento de varejo (atividade de crédito), tiveram as performances mais tímidas no ano.

O Quadro 13 deixa claro como o avanço do lucro e das receitas ao longo do ano decorreu da melhora das receitas vinculadas ao mercado de capitais. Avaliando o desempenho consolidado dos quatro principais bancos de varejo dos EUA (JP Morgan, Wells Fargo, BofA e Citi), ou seja, excluindo o GS, cuja operação é muito concentrada nesta atividade; observa-se que as receitas de serviços saltaram 17,2% no ano. Por outro lado, a receita líquida de juros (NII) caiu 1,2% pressionada pelo aumento do custo de captação, num ambiente de juros ainda elevados, que tem levado os depositantes a buscar investimentos mais rentáveis. Porém, o patamar de US\$ 250 bi obtido com NII no ano pode ser considerado positivo, dado o elevado nível registrado em 2023.

A PDD, por sua vez, subiu 3,5%, pressionada pelo aumento da carteira e da inadimplência de cartões, mas a alta pode ser considerada modesta e não foi suficiente para conter o bom desempenho das IFs.

Por fim, vale ressaltar que as contribuições extraordinárias ao FDIC em 2023, em função da quebra dos bancos regionais, também ajudaram a turbinar a comparação dos resultados de 2024 em relação ao ano anterior. Em 2023, tais IFs tiveram que contribuir com US\$ 8,6 bi para o fundo, ante contribuição residual de US\$ 2,0 em 2024. Sem tal efeito, a alta do lucro teria sido de 6,1% no ano.

Quadro 12: Lucro Líquido Anual consolidado dos 5 maiores bancos dos EUA – Em US\$ bi



Fonte: Bloomberg. Elaboração: Febraban.

Quadro 13: DRE simplificado dos 4 maiores bancos de varejo dos EUA

DRE - 4 Bancos de Varejo	2023	2024	Var. %
Receita Total	417,7	442,9	6,0%
Receita de Serviços	164,3	192,5	17,2%
Receita Líquida de Juros (NII)	253,5	250,4	-1,2%
PDD	-28,3	-30,9	9,3%
Despesas Administrativas	-256,3	-265,2	3,5%
Contrib. Extraordinária FDIC	-8,6	-2,0	-77,2%
IR	-20,0	-26,3	31,6%
Minoritárias	0,0	-0,4	-
Lucro Líquido	104,4	118,0	13,0%

Fonte: Bloomberg. Elaboração: Febraban.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2025				2026			
	17/01/25	10/01/25	20/12/24	Viés	17/01/25	10/01/25	20/12/24	Viés
IPCA (%)	5,08	5,00	4,84	▲	4,10	4,05	4,00	▲
PIB (% de crescimento)	2,04	2,02	2,02	▲	1,77	1,80	1,90	▼
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	15,00	15,00	14,75	↔	12,25	12,00	11,75	▲
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	6,00	6,00	5,90	↔	6,00	6,00	5,84	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	17/01/25	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	6,07	-0,57%	-1,69%	-1,69%	23,19%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	188,20	-3,92%	-12,46%	-12,46%	40,69%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	12,74	1,87%	3,44%	3,44%	11,90%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	14,99	-0,70%	-2,69%	-2,69%	49,05%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	15,15	-0,86%	-2,83%	-2,83%	46,04%
Índice Ibovespa (em pontos)	121.969,66	2,62%	1,40%	1,40%	-4,20%
IFNC (setor financeiro)	12.320,41	4,79%	4,15%	4,15%	-7,44%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	4,50	0,00%	0,00%	0,00%	-18,18%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,27	-2,45%	0,71%	0,71%	-1,85%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,61	-3,12%	1,72%	1,72%	11,32%
Dollar Index	109,32	-0,30%	1,10%	1,10%	5,59%
Índice S&P 500 (em pontos)	6.004,28	3,04%	1,65%	1,65%	25,59%
Índice de ações de bancos – EUA	124,34	7,77%	3,53%	3,53%	19,93%
Índice Euro Stoxx 50	5.148,30	3,44%	5,73%	5,73%	15,61%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	156,34	4,23%	7,56%	7,56%	32,49%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	80,81	1,32%	8,63%	8,63%	2,16%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira